

O dilema de Sarney

Ricardo Noblat

Ninguém se perde no caminho da volta mas o senador José Sarney, decididamente, não gostaria de retornar ao Governo do Maranhão, onde pontificou absoluto entre 1966 e 1970. Não gostaria mas está ameaçado de voltar: de hoje para amanhã, numa reunião que deve atravessar a madrugada de Brasília, ele, o governador do seu Estado, João Castelo, os Deputados Edson Lobão e Luiz Rocha e o Senador Alexandre Costa poderão acertar, de vez, sua candidatura ao Governo pelo PDS maranhense. Sarney recolheu-se a uma praia do Rio de Janeiro durante os feriados da Semana Santa para meditar sobre seu destino. Seus filhos preocupam-se com sua volta a São Luís: sabem que ele está bem de saúde mas temem que as pesadas tarefas de um executivo estadual possam afetar o estado de um homem que, recentemente, foi vítima de um distúrbio circulatório. Dona Marlo, a ativa esposa do senador, que nunca se negou a participar das decisões do marido, dessa vez está calada. Nem Sarney nem seus amigos mais íntimos conseguem arrancar-lhe uma única palavra sobre o assunto. O senador, salvo a opinião dos filhos, está praticamente sozinho para resolver se aceita ou não o cálice que lhe é oferecido. O Presidente Figueiredo não quis dividir com ele a responsabilidade da decisão: disse-lhe, em audiência da semana passada, que precisava dos seus préstimos na presidência do PDS mas que ele se sentisse livre para fazer o que achasse melhor.

O que Sarney acha melhor é permanecer na liderança nacional do seu Partido e no início do próximo ano — quem sabe? — enriquecer seu *curriculum* com a presidência do Senado. Uma reformulação ministerial, possível de acontecer depois das eleições de novembro, poderia abri-lhe uma vaga no Governo Figueiredo. Sarney acha que está credenciado para uma coisa ou para a outra e o retorno nessa hora o Governo do seu Estado só serviria para estreitar uma carreira política que, de há muito, extrapolou os limites generosos mas pobres do Maranhão. Não vai nisso nenhum desamor por sua terra: “Foi lá que deixei meu umbigo e é lá que pretendo deixar minha carcaça”, não cansa de repetir o senador. Menos que uma sentença bem construída, que trai o escritor por vezes maior que o político, ela expressa, na verdade, a férrea ligação entre Sarney e seu Estado. Mas o senador, entende um dos seus assessores, já saldou sua dívida com o Maranhão quando fez um dos governos mais operosos da história do seu Estado, Sarney imagina, agora, que sua dívida é com o resto do país. Não é isso, contudo, o que pensa o Governador João

Castelo. Posto no cargo por indicação direta de Sarney, ele confessou há dois meses a um governador seu amigo que não se preocupou em preparar ninguém para sucedê-lo porque estava convencido de que o presidente do PDS aceitaria a missão. Sarney, afinal, quis retornar ao Governo do Maranhão em 1974 e novamente em 1978 e só não o conseguiu, apesar do seu incontestável prestígio político no Estado, por artes do processo de escolha de governadores ditado pelo Palácio do Planalto, na maioria das vezes em perfeita contramão com a vontade dos eleitores.

João Castelo quer Sarney como candidato porque não quer nenhum dos outros pretendentes — os Deputados Edson Lobão e Luiz Rocha, e o Senador Alexandre Costa — e porque sonha com uma eleição tranqüila para o Senado, no rastro de um contundente sucesso eleitoral, em novembro, do presidente do PDS. E a força de Sarney é tão grande que os três aspirantes à indicação pelo PDS maranhense abrem mão de suas pretensões em favor do senador. Os três são amigos e politicamente ligados a Sarney, o que o coloca em posição mais difícil. Lobão elegeu-se em 1978 fazendo dobradinha em São Luís com um dos filhos de Sarney, eleito deputado estadual. Rocha é cria de Sarney e funciona como uma espécie de secretário particular dele. Alexandre Costa é tão ligado a Sarney que os dois fizeram questão de ser vizinhos de apartamento, como o foram de gabinete no Senado durante algum tempo. Nessas condições, como apoiar um dos amigos sem ferir os outros? O dilema de Sarney cresce ainda mais na medida em que ele sabe que a recusa à candidatura ao Governo do Maranhão pode tornar equilibrada uma eleição que, com ele, seria um passeio para o PDS. Uma pesquisa feita há dois meses pelo IBOPE em 40 dos 130 municípios do Maranhão, onde vivem 60% dos eleitores do estado, deu a Sarney pouco mais de 50% da preferência popular. Essa mesma pesquisa, aplicada sem considerar a hipótese da candidatura de Sarney, retalhou os votos dos consultados entre Lobão (22,5%), Alexandre Costa (18%) e Rocha (9%). Mais importante que esse resultado: revelou que, Sarney de fora, 45% dos eleitores não sabem em quem votar. Assim, o senador pode ver-se obrigado a aceitar o que não quer e a pagar o preço da indiscutível liderança que construiu no Maranhão.